

ECOLOGIA INTEGRAL: TUDO O QUE EXISTE, COEXISTE**INTEGRAL ECOLOGY: EVERYTHING THAT EXISTS, COEXISTS**Evandro Menegueli Carvalho¹ Jeferson Aurich Schneider² Paulo Cesar Delboni³ 

RESUMO: O presente artigo aborda o conceito da Ecologia Integral, tendo como fundamento a Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco, onde é proposto uma visão sistêmica da ecologia, relacionando natureza, sociedade e economia. O objetivo da pesquisa é entender a racionalidade da ecologia integral como um todo sistêmico e a responsabilidade ética do homem diante do meio onde se encontra, ao se deparar com as crises climáticas contemporâneas geradas pelo consumismo, cultura do descarte e exploração desmedida dos recursos naturais. A metodologia utilizada foi a de pesquisa bibliográfica, tendo como fonte principal documentos do Papa Francisco, e fontes secundárias textos dos filósofos Leonardo Boff e Hans Jonas, onde buscou-se entender a ecologia integral e como as ações humanas interagem como o todo interligado. Os resultados revelam a necessidade da tomada de consciência de que a ecologia é um todo sistêmico, onde não se pode ser vista de forma fragmentada, pois a fragmentação contribui para o agravamento das crises ambientais e sociais contemporâneas, sendo necessário uma nova visão ética, tendo como base a responsabilidade e o cuidado, onde se valorize a dignidade humana e o cuidado com a Casa Comum. Por fim a ecologia integral exige uma mudança cultural profunda, onde cada indivíduo deve assumir o seu papel como parte deste todo interligado, auxiliando no bom funcionamento do planeta e proporcionando um mundo melhor para as futuras gerações.

Palavras-chave: Ecologia; Consumismo; Responsabilidade; Cuidado; Ética.

ABSTRACT: This article addresses the concept of Integral Ecology, based on Pope Francis's Encyclical *Laudato Si'*, which proposes a systemic view of ecology, connecting nature, society, and economy. The research aims to understand the rationality of integral ecology as a systemic whole and humanity's ethical responsibility in the face of its environment, especially when confronted with contemporary climate crises generated by consumerism, the throwaway culture, and the immoderate exploitation of natural resources. The methodology used was bibliographic research, primarily drawing from Pope Francis's documents, and secondarily from texts by philosophers Leonardo Boff and Hans Jonas. The goal was to understand integral ecology and how human actions interact with the interconnected whole. The results reveal the need for an awakening to the awareness that ecology is a systemic whole,

¹ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. evandro.menegueli@hotmail.com

² Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. jeferson@gmail.com

³ Centro Universitário Salesiano. Vitória/ES, Brasil. pdelboni@salesiano.br

which cannot be viewed in a fragmented way. Fragmentation contributes to the worsening of contemporary environmental and social crises, necessitating a new ethical vision based on responsibility and care, valuing human dignity and the care for our Common Home. Ultimately, integral ecology demands a profound cultural shift, where each individual must assume their role as part of this interconnected whole, assisting in the proper functioning of the planet and providing a better world for future generations.

Keywords: Ecology; Consumerism; Responsibility; Care; Ethics.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho buscou discutir as contribuições da Carta Encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, para a formação de uma nova consciência em torno da ecologia. Nesta obra, Francisco propõe uma mudança de mentalidade em torno duma *ecologia integral*, que inclua as diversas dimensões humanas e sociais. O fundamento de uma Ecologia Integral está no fato de que todas as relações estão interligadas entre si. A Ecologia Integral corporifica, assim, as dimensões da ecologia ambiental, econômica e social que estão intimamente ligadas à da ecologia cultural e da ecologia da vida cotidiana.

É sobretudo na obra *Laudato Si'* que o Papa Francisco assume o novo paradigma contemporâneo, segundo o qual tudo forma um grande todo com todas as realidades interconectadas, influenciando-se umas às outras. Isso faz superar a fragmentação dos saberes e confere grande coerência e unidade de uma nova visão holística. Essa visão implica em uma teoria não fragmentada do universo, segundo a qual a matéria, a vida e a comunicação são apenas formas diferentes de manifestação da mesma energia; uma perspectiva que leve em conta o homem, a sociedade e a natureza. A totalidade de todos os aspectos estão estreitamente ligados e em constante interação.

Parece certo que o olhar fragmentado do ser humano seria a principal causa dos problemas atuais. Nosso esforço aqui será por compreender a Casa Comum como novo paradigma capaz de fazer a passagem de uma cosmovisão antropocêntrica para uma cosmovisão ecocêntrica. Os paradigmas da tecnociência e as grandes mudanças no mundo capitalista desenvolvimentista, subjugou a decisão da grande maioria dos países para optar pelo desenvolvimento voltado mais para o antropocentrismo (a radical forma de colocar o Homem enquanto indivíduo no centro de tudo) em detrimento de uma cosmovisão ecocêntrica que abarca as questões humanas, fundamental para a preservação tanto do Ecossistema quanto da própria vida humana na face da terra.

Como resultante imediato do paradigma antropocêntrico, está o consumismo obsessivo, reflexo subjetivo do paradigma tecno-econômico. Nesta pesquisa, iremos discutir as contribuições da Encíclica *Laudato Si'* na tomada de consciência para a Ecologia Integral. Iremos refletir sobre a necessidade de “um novo paradigma de convivialidade” (Boff, 2008), capaz de tornar possível a conveniência do homem com a natureza dentro de nossa única casa comum.

A ideia de Ecologia integral considera que tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais requerem um olhar que tenha em conta todos os aspectos da crise mundial. A Encíclica *Laudato Si'* propõe uma cosmovisão em que os diferentes elementos presentes em uma *Ecologia Integral* abracem claramente as dimensões

humanas: sociais, culturais, religiosas, artísticas, simbólicas dentre outras. É nos parâmetros de uma Ecologia integral que buscaremos o *ethos* humano em seu significado pleno. Nele identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-viver e das ações um bem agir.

Neste cenário, nos parece urgente rever as ações humanas em relação à biodiversidade, à atmosfera, ao consumo e produção, para que seja garantida a continuidade da vida humana no planeta. Nos últimos séculos o ser humano vem sistematicamente agredindo e pilhando os recursos da natureza. Hoje sabemos que estamos chegando ao limite. Se o homo sapiens persistir nessa lógica predatória de consumo desenfreado podemos ir ao encontro do fim. O destino é não ter destino.

É possível pensar uma nova ecologia que assuma nova forma de relacionar-se do homem com a natureza? A Ecologia integral, transformado em paradigma de compreensão e de atuação, uma vez articulado com a solidariedade e a responsabilidade, poderá indicar um caminho seguro para a espécie humana no planeta Terra. Por conta disso, é de extrema urgência e relevância levantar a questão: Que antropologia urge construir na qual seres humanos e natureza possam coexistir harmoniosamente? Que cosmovisão será capaz para garantir vida humana na casa comum? Em contrapartida, o sistema capitalista de mercado competitivo, no anseio da maximização do lucro a qualquer preço, exclui a natureza e não a inclui em nenhuma pauta de discussão sob o temor de investimentos que comprometam a divisão ou a perda parcial do sobre-lucro, ou seja, aquele lucro excedente muito além de seu investimento inicial.

O problema neste cenário de globalização e de paradigma tecnocrático é o modo como realmente a humanidade assumiu a tecnologia e o seu desenvolvimento juntamente com um paradigma homogêneo e unidimensional. Neste paradigma, sobressai uma concepção do sujeito que progressivamente, no processo lógico-racional, compreende a si e assim se apropria do objeto que se encontra fora. Um tal sujeito desenvolve-se ao estabelecer o método científico com a sua experimentação, que já é explicitamente uma técnica de posse, domínio e transformação. É como se o sujeito tivesse à sua frente a realidade informe totalmente disponível para a manipulação infinitamente.

Que modelo ético pode ser considerado como uma efetiva resposta ao desafio de nova cosmovisão ecocêntrica? A resposta à pergunta acima só poderá vir de um novo paradigma de sociedade mundial, de uma nova ótica. Uma nova ética deverá ser forjada de uma nova ótica. Qual será esta ética? De que *ethos* necessitamos? Certamente a do *ethos* do cuidado com todo, com a Casa Comum.

2 METODOLOGIA

A metodologia adotada é de caráter exploratório uma vez que, de acordo com Gil (2002, p. 41) seu intuito é “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições”.

O método utilizado se dará por meio de pesquisa bibliográfica, pois a bibliografia pertinente “oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já

conhecidos, como também explorar novas áreas, onde os problemas ainda não se cristalizaram suficientemente” (Marconi; Lakatos, 2013, p. 44).

O trabalho foi desenvolvido a partir de pesquisas bibliográficas, usando como base a Carta Encíclica Papal *Laudato Si'*, bem como de artigos de comentadores. Outras fontes foram o pensamento de Hans Jonas em sua obra *“Princípio de Responsabilidade”* no que tange a ética da Responsabilidade, e Leonardo Boff, sobretudo em três obras, que são: *“Ética da vida, Saber cuidar”* e *“Princípio de Compaixão e Cuidado”*, onde se encontra a abordagem da ética do cuidado. Ambos contribuíram para a formação da racionalidade apresentada neste trabalho, uma vez que vão diretamente ao encontro de uma ecologia integral onde tudo está interligado, sendo o homem o grande responsável, através de sua racionalidade, em ajudar para que todo o meio em que se vive funcione da forma mais saudável e sustentável possível.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 ECOLOGIA INTEGRAL

3.1.1 Definição

O conceito de Ecologia, teve a sua origem em 1869, pelo biólogo alemão Haeckel, esse conceito é sobre o conhecimento do meio em que se vive, com o foco na relação entre os seres vivos e organismos que convivem no mesmo ambiente, conforme demonstrado por Natalia Hanazaki:

O termo “Ecologia” é atribuído ao biólogo alemão Ernst Haeckel (1834 - 1919), em 1869. Segundo Haeckel, a ecologia é o estudo científico das interações entre organismos e seus ambientes orgânico e inorgânico. A palavra é derivada dos termos gregos “Oikos”, significando “casa” ou “lugar onde se vive”, e “logos”, significando “estudo”. Assim, a Ecologia pode ser compreendida como o estudo do “lugar onde se vive”, com ênfase sobre “a totalidade ou padrão de relações entre os organismos e o seu ambiente” (Hanazaki *et al.*, 2013, p.14).

A ecologia é um ramo da biologia, ela foi estudada e amplamente desenvolvida ao longo da história, apenas o termo que teve origem posterior. Desde os filósofos naturalistas, por exemplo, já se buscava entender e compreender a natureza, o cosmo e o meio em que se vive. Ou seja, mesmo em outras áreas a natureza e o meio sempre foram tratados como relevantes, para se chegar ao conhecimento de como as coisas funcionam e existem.

Atualmente a ecologia se ocupa do estudo das interações entre os seres vivos e o ambiente, com o objetivo de compreender os fluxos de energia, os ciclos de nutrientes e os processos que sustentam a vida nos diferentes ecossistemas. “Uma definição bastante aceita atualmente é utilizada por Charles J. Krebs, que define a Ecologia como o estudo científico das interações que determinam a distribuição e a abundância dos organismos” (Hanazaki *et al.*, 2013, p.15). Tal definição ressalta o estudo das relações complexas e dinâmicas que regulam a vida na terra.

Ao analisar as interações entre os seres vivos, pode-se concluir que a ecologia assume um caráter integral. Isso ocorre porque, em tais interações, todos os seres vivos são influenciados e modificados de acordo com as ações dos demais. Um exemplo disso é o ser humano que desvia o curso natural de um rio para levar água

para outros lugares que necessitam, mesmo tendo uma intenção boa, essa transição gera vários aspectos negativos, afetando todo o ecossistema local, modificando a distribuição da fauna e da flora, além de provocar mudanças nas condições climáticas de determinadas regiões. Esse exemplo ilustra como uma intervenção humana pode ter um impacto abrangente e interligado, afetando não apenas o ser humano, mas diversos outros seres vivos e o ambiente em geral.

Sobre Ecologia Integral utilizaremos como base a encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco (Francisco, 2019), onde o termo é explicado e contextualizado para o momento em que a sociedade vive. Na encíclica, o Papa Francisco aprofunda essa perspectiva ao enfatizar que a ecologia não deve ser entendida exclusivamente como uma questão relacionada à natureza, mas como uma abordagem integral que abrange também os aspectos econômicos, sociais, morais e humanos. Uma vez que a “[...] ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem [...]” (Francisco, 2019, p.83), ou seja, todo o meio em que vivemos reflete com as nossas atitudes.

O conceito de ecologia integral, conforme apresentado na encíclica, reflete a interdependência entre o ser humano e o ambiente, destacando que as questões ecológicas envolvem tanto o meio ambiente natural quanto as relações humanas.

[...] Assim como os vários componentes do planeta - físicos, químicos e biológicos - estão relacionados entre si, também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individualizar e compreender. Boa parte da nossa informação genética é partilhada com muitos seres vivos. Por isso, os conhecimentos fragmentários e isolados podem tornar-se uma forma de ignorância, quando resistem a integrar-se numa visão mais ampla da realidade (Francisco, 2019, p.83).

A ecologia integral, conforme a encíclica *Laudato Si'*, é um chamado a uma transformação profunda na maneira como se percebe e se interage com o meio ambiente. Os problemas ecológicos, segundo o Papa Francisco, não podem ser resolvidos sem uma mudança nas estruturas sociais, políticas e econômicas, com ênfase na busca por uma verdadeira justiça social e ambiental. Importante ressaltar que o grande objetivo do estudo sobre a ecologia integral deve ser a tomada de consciência, conforme afirma o Papa Francisco:

[...] O objetivo não é recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece com o mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar (Francisco, 2019, p.18).

3.1.2 Aspectos da ecologia integral na realidade (economia, moral, sociedade) – um todo sistêmico

A Ecologia Integral é vista de forma clara no dia a dia, os impactos gerados pelas escolhas e decisões, seja em nível pessoal, familiar, empresarial, político, trazem benefícios ou malefícios, não apenas para quem escolhe, mas para todos que estão ao seu redor. Ao exemplo do rio que foi desviado de seu caminho natural, por onde o rio passava anteriormente terá um grande prejuízo, não apenas ambiental, mas econômico, pois parte da produção, vai ser afetada, o solo tende a ficar menos fértil para o cultivo, parte das pessoas que moram por aí, podem se mudar para outro lugar, uma vez que a vida pode se tornar mais difícil. Neste exemplo o impacto é dado num todo e não apenas no ato isolado, não teve impacto apenas na natureza, mas na vida das pessoas, na economia, na cultura e na sociedade.

Um outro exemplo é o consumismo, ele leva ao descarte rápido dos materiais, sendo estes descartados em locais indevidos ou sem a coleta correta, afetando o solo, o clima, as pessoas que vivem perto desses locais de descarte, e causando tantos outros efeitos negativos. Muitos produtos já são feitos para terem uma duração rápida, como os aparelhos celulares, e diversos outros aparelhos eletrônicos, que vão ficando desatualizados rapidamente, com o intuito de venderem os novos aparelhos oferecidos pelas empresas. Para Costa, Diz e Oliveira:

O principal efeito ambiental da cultura de consumismo é o aumento predatório do uso de recursos naturais com a geração de resíduos sem a destinação final adequada, agravada pela elevação da capacidade financeira e tecnológica de produção e de consumo em escala global, e com alto índice de obsolescência. (Costa; Diz; Oliveira, 2018, p. 161).

Os equipamentos e produtos que são fabricados em países onde a mão de obra é barata, as vezes são realizados de forma “quase” que um trabalho escravo, tendo até crianças trabalhando. O consumismo nos leva a comprar materiais “baratas” que na verdade fazem com que esses sistemas desumanos continuem acontecendo e sejam valorizados. O fato de se consumir tais produtos, beneficiam aqueles que vendem, mas em contrapartida incentivam a continuação da desvalorização daqueles que produzem e não são reconhecidos, de forma que a compra desses equipamentos colabora para a manutenção de um sistema que dificulta a vida dos mais pobres que são explorados e contribui para que isso se repita. Neste exemplo a exploração de matéria prima sem a devida remuneração e compensação dos impactos ambientais causados de onde são tiradas, afeta as pessoas desses lugares, pois elas sofrem com as consequências dessa extração de forma irresponsável e não valorizada, contribuindo assim para que as diferenças sociais continuem e sejam incentivadas pelos detentores do poder econômico e político.

Todos os exemplos citados acima tem um início ambiental, mas os seus desdobramentos indicam que afetam muitos outros aspectos da humanidade e do planeta, demonstrando assim que a ecologia integral tem uma aplicação sistêmica, onde as ações afetam o todo e não apenas o particular. Como afirmado na *Laudato Si'*, tudo está relacionado:

[...] Toda crueldade contra qualquer criatura “é contrária à dignidade humana”. Não podemos considerar-nos grandes amantes da realidade se excluirmos dos nossos interesses alguma parte dela: “Paz, justiça e conservação da criação são três questões absolutamente ligadas, que não se poderão separar, tratando-as individualmente sob pena de cair novamente no reducionismo”. Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra (Francisco, 2019, p.57).

Na ecologia integral o homem é apresentado como principal responsável pelo planeta, ele é quem deve com a sua razão entender o todo sistêmico em que se encontra, através da observação da natureza, da vida, da sociedade, pode entender a ligação de todas as coisas e perceber que tudo tem uma relação de funcionamento e impacto. O termo da casa comum é utilizado em várias definições, pois tem como objetivo fazer com que o homem compreenda que o planeta é a casa comum de todos os seres, de forma que não se pode separar o homem, a natureza e tudo aquilo que existe como se fosse algo isolado ou independente, a Campanha da Fraternidade de 2025, reforça

essa ideia de responsabilidade do homem e a não separação do conjunto da ecologia integral:

O planeta que habitamos é a nossa Casa Comum, onde todas as coisas estão em profunda conexão, em uma relação de interdependência, troca e cooperação. A ecologia ensina que a casa não pode ser compreendida de maneira fragmentada e compartimentada. Ao contrário, deve ser contemplada e vivida dentro de uma visão sistêmica. A Ecologia Integral supõe uma inter-relação entre o Criador e toda a criação, dentro da qual o ser humano deveria se destacar como protagonista no cuidado, pois coube a ele a missão de guardião responsável da Casa Comum. Em uma cosmovisão integradora, não se separa o ambiental, o antropológico e o teológico (CNBB, 2024, p.34).

3.1.3 Visão limitada da ecologia integral (fragmentação e interesses pessoais)

Um dos grandes problemas para a aplicação da Ecologia Integral é a fragmentação da sociedade, onde cada um busca apenas os seus interesses e desconsidera os demais. Neste aspecto é preciso considerar pelo menos dois grandes extremos, um que supervaloriza o progresso, tendo ele como modelo, sem considerar questões éticas e alguns efeitos colaterais, que não pensa em mudanças efetivas para a preservação da natureza. Chega-se assim a um cenário crítico de um consumismo desenfreado, de uma grande cultura do descarte, onde não há preocupação com o “lixo” que está sendo produzido e como ele afeta a Terra. Se tem uma visão totalmente fragmentada e voltada para o progresso, para a técnica e para a economia. Em contra partida no outro extremo, encontramos os que só veem o homem como um destruidor/agressor da Terra e dos ecossistemas, visão essa que desconsidera os efeitos benéficos do progresso e da sociedade. Para esses é necessário reduzir a presença dos homens no planeta, afim de frear o desenvolvimento/degradação do meio ambiente em que vive. Muitos estão em posições extremas e buscam ver a realidade de forma fragmentada, isso custa caro, pois quando várias forças/grupos puxam, uma de cada lado de acordo com o seu interesse, o planeta continua entrando em colapso. Por isso é necessário a compreensão de uma verdadeira ecologia integral, onde as discussões sejam honestas e verdadeiras, e devem ser vistas de forma integral não fragmentada, pois tudo está interligado. Considerando os pontos positivos de cada visão e como podem contribuir para o melhor desenvolvimento consciente da humanidade. A encíclica vai além, e afirma:

[...] Entre esses extremos, a reflexão deveria identificar possíveis cenários futuros, porque não existe só um caminho de solução. Isso deixaria espaço para uma variedade de contribuições que poderiam entrar em diálogo a fim de chegar a respostas abrangentes (Francisco, 2019, p.38).

É importante salientar que o Ecologia Integral não condena a mudança e o progresso, mas afirma que as mudanças devem ser feitas de forma consciente e com responsabilidade, pois as mudanças e o progressos na medicina, por exemplo ajudam na expectativa e melhoria da vida das pessoas. O problema é quando desconsidera a vida e o meio em que ela acontece, como citado na encíclica: “A mudança é algo desejável, mas torna-se preocupante quando se transforma em deterioração do mundo e da qualidade de vida de grande parte da humanidade” (Francisco, 2019, p.17), ou seja as mudanças são boas e necessárias, mas devem ocorrer respeitando o tempo e o espaço da natureza, pois muitas das mudanças hoje não respeitam e não prezam pelo bem comum e por um desenvolvimento humano sustentável e integral.

Tudo pode ocorrer de forma responsável se for considerando o meio em que vivemos como patrimônio de todos, mesmo que alguns tenham mais propriedades, maior voz política, maiores poderes diante da sociedade, nunca se pode perder de vista que o meio ambiente e o mundo em que vivemos é um bem coletivo, que deve ser bem administrado e sempre ter em vista o bem comum/coletivo, pois as nossas escolhas impactam a vida de toda a humanidade, podendo negar ou validar a vida e existência do outro, conforme afirma o Papa Francisco:

O meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Quem possui uma parte é apenas para administrá-la em benefício de todos. Se não o fizermos, carregamos na consciência o peso de negar a existência aos outros [...] (Francisco, 2019, p.59).

3.2 NECESSIDADE DA CONSCIENTIZAÇÃO SOBRE A ECOLOGIA INTEGRAL

Neste capítulo busca-se apresentar a importância e urgência da conscientização sobre a ecologia integral, pois através do consumismo o homem tem se reduzido a uma peça do sistema econômico, desconsiderando por vezes sua razão e a sua dignidade como ser humano. Com o aumento do consumismo, conseqüentemente se tem o aumento do descarte de materiais, na maioria das vezes descartados de forma incorreta e sem respeitar o meio em que se vive, agravando as crises climáticas, uma vez, que a natureza não tem o seu funcionamento natural respeitado, diante disso, vemos tantas catástrofes ambientais, causadas de forma direta e indireta pelo homem. Diante disto há um grande risco de o mundo entrar em colapso e o ser humano não conseguir mais reverter o caos que se tem observado no mundo, uma vez, que não respeita e entende a necessidade da harmonia com a natureza e o respeito para com o todo sistêmico da ecologia integral.

3.2.1 A construção do atual cenário ao longo da história da produção, gerando o consumismo e conseqüente o descarte

A ecologia integral, necessariamente aborda o consumo ou uso que o homem faz da natureza. Ao longo da história o homem se utilizou da natureza para o seu consumo, em vista de sua sobrevivência e qualidade de vida, porém atualmente o consumo do homem tem se tornado desmedido, onde não se é respeitado o processo de renovação da natureza, que precisa de um tempo para se restabelecer e ser utilizada de forma consciente.

Isso é demonstrado quando olhamos a história, a Revolução Industrial ocorrida no século XVIII (1760-1850) na Europa, trouxe grandes mudanças e evoluções no meio de produção que se tinha até então. Se passou a ter um trabalho mais mecanizado e com mais máquinas, onde o principal foco é o crescimento da produção e conseqüentemente o aumento de mercadorias e produtos para o mercado. Sendo assim, o mercado com uma maior produção, ou seja, com mais mercadorias, busca fazer com que o homem consuma mais do que é necessário, daí chegamos ao consumismo. Segundo Costa; Diz; Oliveira:

[...] O que há de novo na relação do ser humano com a natureza é que, desde o advento da revolução industrial, e de modo exponencial, houve a passagem do consumo necessário para a sobrevivência e bem-estar para a cultura do consumismo (Costa; Diz; Oliveira, 2018, p. 160-61).

O que ocorre, no entanto, é uma perda da visão do consumo, e se passa a ter uma visão de uma cultura consumista. Dois problemas importantes neste aspecto são: o homem visto como parte da mercadoria ou serviços prestados e o problema do aumento do lixo e descarte desses materiais, uma vez que não se tem um reaproveitamento efetivo ou reciclagem dos materiais descartados.

O homem é visto como parte da mercadoria ou dos serviços prestados, quando tem o seu valor de ser humano desconsiderado, ele é tratado apenas como um meio para se chegar a mercadoria ou ao lucro, onde se equipara a qualquer peça do sistema de produção, sendo considerado como uma simples engrenagem que juntamente com as outras fazem a máquina da produção girar, podendo ser facilmente descartado ou substituído por máquinas que faça o seu trabalho de uma forma mais rápida, para que aumente a produção e consequentemente as mercadorias disponíveis para o mercado. Neste contexto a dignidade humana não é respeitada em sua plenitude, pois o homem é rebaixado e tratado com um mero elemento descartável e substituível.

[...] o consumismo é uma característica da modernidade líquida pela qual tudo, incluindo as pessoas e o meio ambiente, são apenas elementos consumíveis e, pior, descartáveis, na medida em que apenas integram o processo produtivo de bens e serviços numa cultura de fomento permanente de novas necessidades e desejos de consumo imediato e de descarte [...]
(Costa; Diz; Oliveira, 2018, p. 170).

Diante do aumento das mercadorias produzidas é necessária fazer um trabalho de venda maior e mais eficiente, isso se dá através da propaganda, onde o ser humano de forma inconsciente é levado a consumir por consumir, sem ter uma necessidade autêntica e verdadeira para tal consumo. A propaganda tem como objetivo fazer o ser humano entrar em um ciclo vicioso, onde a compra de novos produtos (mais tecnológicos, com pequenas diferenças, variações de tamanho, entre tantas outras características) é feita apenas para que o mercado continue a funcionar bem e vendendo aquilo que foi produzido, o ser humano não leva em conta a real necessidade de comprar aquilo que lhe é oferecido na propaganda e nem os efeitos que esse consumo constante pode causar.

O consumismo, como característica de uma lógica “civilizatória”, se dinamiza e se potencializa pelo seu principal componente comunicante: a propaganda. É evidente que não é mais o mercado que comanda a produção, mas a produção que comanda o mercado. [...] Por fim a decisão da compra do produto ou do serviço, sem sua real necessidade para o consumidor, não é racional e não é submetida à crítica interna; quando muito, causa culpa e arrependimento tardios. E, nessa sociedade de consumo, tornam-se todos mais ou menos dependentes e viciados do desejo de consumir por consumir
(Costa; Diz; Oliveira, 2018, p. 171).

Ou seja, o ser humano deixa de utilizar aquilo que nele é mais importante, a razão, pois ele se deixa levar por uma força externa a ele - a propaganda. Uma vez levado por essa força o ser humano abdica do seu poder de decisão e reflexão, pois é levado a consumir por consumir. As relações humanas também são levadas na lógica do consumo, quanto mais consumo, as relações tendem a ser vistas como mais importantes, por exemplo, a pessoa que troca de carro constantemente tem um certo status de realização perante uma parte da sociedade, demonstrando um poder de consumo e consequentemente de credibilidade, assim é demonstrado que parte das relações sociais são baseadas no consumismo, onde quem mais consome é mais bem visto e tem maior influência sobre os demais.

Na modernidade líquida, a razão instrumental pode ser sintetizada na máxima do “consumo, logo existo”, ou melhor, do “existo para consumir”. Nessa sociedade, o processo de significação e de ressignificação das conexões humanas e o da interação da humanidade com a natureza é grandemente permeado pela sua maior ou menor capacidade para consumir produtos e serviços. (Costa; Diz; Oliveira, 2018, p. 170-71).

Abordar o consumismo é de suma importância, ao se falar de ecologia integral, pois ele levou e continua levando o homem a se desumanizar, uma vez, que o próprio virou parte do processo do consumo e não o ser racional que sempre foi. O homem ao abdicar de sua consciência e ser levado a consumir de forma manipulada pela propaganda e pelo interesse de grandes empresas capitalistas, não tem condição de intervir no processo do descarte que tanto prejudica a natureza, e ele como parte do sistema consumista não tem como “salvar” o meio ambiente em que vive, pois primeiramente ele tem que se humanizar e ver a sua dignidade e dos outros. O homem necessita dar um passo atrás, onde não vivia para consumir, mas sim consumia para viver.

Aí está o fundamento do consumo inconsciente que leva à objetivação da dignidade humana e do meio ambiente, agravando a desigualdade socioeconômica e, (...) ao esgotamento dos recursos naturais e ao aumento de resíduos de modo antes incomparável e impensável na trajetória material da humanidade (Costa; Diz; Oliveira, 2018, p. 172).

Na era da modernidade líquida (Bauman, 2001), o maior desafio da humanidade é, portanto, humanizar-se novamente. Mas porque esse tema é importante, ou mesmo relativo ao consumo e ao meio ambiente? Ora, se o próprio ser humano não se auto conscientizar de que não deveria ser qualificado como parte da mercadoria ou do serviço a ser consumido, como ele se importará com os recursos naturais, já que a natureza, per si, também passou a ser um mero elemento da cadeia produtiva e do consumo? (Costa; Diz; Oliveira, 2018, p. 169).

Por fim, no aspecto do consumismo, a ecologia integral busca alertar ao homem para que acorde desse subconsciente do consumismo e da perda da dignidade humana, se humanizando novamente a si mesmo e aos outros, isso se dá através da utilização da razão acima do consumismo e de sua grande propaganda enganosa. Ao voltar a valorizar o ser humano em sua plena dignidade e não como parte do mercado e da produção, o homem terá condições de voltar a valorizar o meio em que vive, respeitando o tempo e o processo natural dos recursos ambientais disponíveis. Estabelecendo assim uma tomada de consciência ecológica e racional, onde o ser humano passa a considerar o meio em que se encontra como parte essencial de sua vida e da continuação da vida de todos os seres no planeta Terra. Sendo assim, a ecologia integral leva o homem a buscar de forma racional o entendimento de que tudo está ligado, não existe ações isoladas que não influencie os outros seres e a continuação da vida da Terra. O homem é convidado a sair do seu egoísmo e se abrir para uma racionalidade ecológica.

3.2.2 Crises climáticas e socioambientais: o que podemos esperar dos próximos anos e a evolução dos danos ambientais

Ao decorrer da história o homem foi utilizando da natureza para o seu desenvolvimento, alimentação e produção. Sendo observado o desenvolvimento em praticamente todos os campos humanos – medicina, ciência, economia, produção, entre tantos outros. Porém se chegou num nível de exploração/utilização da natureza além do que é suportado, é notório os efeitos climáticos que o mundo tem enfrentado.

São diversas crises climáticas causadas pela má administração dos recursos naturais pelo homem. Na exortação apostólica *Laudate Deum*, publicada pelo Papa Francisco em 04 de outubro de 2023, ele fala um pouco sobre a crise climática que o mundo passa e aponta na compreensão de como essa crise surgiu e está ligada a responsabilidade do homem para com o planeta. Já num primeiro momento é apontado a responsabilidade do homem por esta crise, conforme trecho a seguir:

A origem humana "antrópica" - da mudança climática já não pode ser posta em dúvida. Vejamos o porquê. A concentração na atmosfera dos gases de efeito estufa, que causam o aquecimento global, manteve-se estável até o século XIX: abaixo das 300 partes por milhão em volume; mas, em meados daquele mesmo século, em paralelo com o progresso industrial, as emissões começaram a aumentar. Nos últimos cinquenta anos, tal aumento sofreu uma forte aceleração, como atesta o Observatório de Mauna Loa, que efetua, desde 1958, medições diárias do dióxido de carbono. Enquanto escrevia a *Laudato si'*, atingiu-se a máxima histórica até então -400 partes por milhão chegando, em junho de 2023, a 423 partes por milhão. Considerando o total líquido das emissões desde 1850, mais de 42% delas ocorreu depois de 1990. (Francisco, 2023, p.09 e 10).

Também deve ser levado em consideração que tudo está interligado, coexistindo, consequentemente quando um aspecto (cultural, social, ambiental e econômico) sofre modificações, consequentemente todos os outros também são modificados. Dessa forma, fica claro que os aspectos não podem ser vistos de forma fragmentada, mas como um conjunto que é alterado em sua totalidade. Por isso é necessário discutir a crise climática e socioambiental, pois ela ameaça o planeta e tudo que nele existe. Isto pode ser visto quando existe um desastre ambiental devido a ação humana em uma determinada região, não se modifica apenas a biodiversidade daquela região, mas também a sua economia, cultura, vida social, entre outros aspectos constitutivos daquela determinada região, também pode ser citado que as pessoas, daquela região atingida, migrarão para outras regiões, ou seja, é um efeito contínuo que não se limita a uma região apenas.

Em 1988 a Organização das Nações Unidas (ONU) criou um programa para avaliar as condições climáticas e verificar as possíveis ações que deveriam ser tomadas, o programa é o IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*) - Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima, através de seus dados e relatórios são propostas mudanças e acordos entre as nações para que a Terra não tenha a sua crise climática agravada, esses acordos são discutidos e firmados nos eventos da ONU sobre o clima, onde os países são chamados a assumir sua responsabilidade para com o planeta e a humanidade, uma vez que os danos de um país, influência todo o contexto geopolítico. A grande preocupação que vem sendo desenvolvida e trabalhada pelo IPCC é o aquecimento global, pois os dados demonstram que o planeta nas últimas décadas, após a Revolução Industrial, tem gerado muito CO₂ (dióxido de carbono) que é o gás altamente poluente e que tem causado o efeito estufa, fazendo com que a temperatura mundial siga aumentando, o que tem causado vários impactos na vida das pessoas, mediante diversas catástrofes climáticas - o calor tem aumentado e em alguns lugares, as enchentes, o aumento do nível do mar devido o derretimento das geleiras, entre tantas outras. Atualmente a maior preocupação da ONU tem sido frear o aumento da eliminação de CO₂, tem o objetivo de se buscar novas fontes de geração de energia e combustível, menos poluentes e renováveis, para frear o aumento da temperatura, busca-se manter o limite do aumento em 1,5° C, para se ter menores danos, como estabelece o relatório de 2018 do IPCC: "Limitar o aquecimento global a 1,5°C em vez de 2°C reduziria

substancialmente os riscos e os impactos das mudanças climáticas em ecossistemas, saúde humana e bem-estar” (IPCC,2018). Sobre a importância da mudança do homem devido ao crescimento que tem ocorrido ao longo dos anos: “O aquecimento global causado pelo homem atingiu aproximadamente 1,0°C acima dos níveis pré-industriais em 2017 e está aumentando a uma taxa de 0,2°C por década. Com essa taxa, o aquecimento global atingirá 1,5°C entre 2030 e 2052” (IPCC, 2018). As nações são chamadas a colaborar nesta mudança para manter o planeta saudável.

O Papa faz um apelo e uma denúncia ao falar que as grandes potências por vezes não levam em consideração a importância de se discutir e trabalhar as crises climáticas: [...] infelizmente, a crise climática não é propriamente uma questão de interesse das grandes potências econômicas, que se preocupam em obter o maior lucro ao menor custo e no mais curto espaço de tempo possíveis. (Francisco, 2023, p.10). Pode se notar que existe um trabalho conjunto entre a ONU e a Igreja para se frear e conscientizar as nações sobre a crise climática que estamos vivendo.

Não obstante, no Brasil a crise climática é causada pelo fator histórico, cultural e econômico que foi sendo construído ao longo do tempo, causando os problemas ambientais, conforme destaca do texto base da Campanha da Fraternidade de 2025:

A origem da crise socioambiental no mundo e no Brasil é complexa e tem muitas faces, envolvendo uma conjunção de fatores históricos, sociais, econômicos e políticos. O modelo de desenvolvimento capitalista, baseado na exploração dos patrimônios naturais, na queima de combustíveis fósseis, como os derivados do petróleo, na expansão desenfreada do consumo e na relação mercantilista com a natureza, tem contribuído para uma série de problemas ambientais, como a degradação do solo, o desmatamento, o extrativismo predatório, a poluição, a escassez de água, o comprometimento da biodiversidade com a extinção de algumas espécies e as mudanças climáticas. (CNBB, 2024, p.25).

Diante do exposto é nítido que existe muita preocupação e grande busca de conscientização para que se rompa com o atual cenário ambiental para que se freie o aquecimento global e exploração incorreta da natureza, sobretudo dos que tem o poder na mão – as grandes nações e potências econômicas.

3.2.3 O grande risco da humanidade e o que se espera do ser humano

Como demonstrado anteriormente a humanidade tem caminhado de forma irresponsável na utilização e exploração dos recursos ambientais, correndo assim o risco de planeta entrar em colapso, onde o homem não consiga mais reverter os efeitos causados pelo seu egoísmo e imediatismo. A Terra pode entrar em colapso e assim o homem não ter mais expectativa de vida.

A própria saúde do ser humano é impactada pelo ambiente em que ele vive, pois quanto mais puro o ar que respira, menos danos serão causados ao pulmão, por exemplo, mas isso se estende entre todos os aspectos da nossa sobrevivência, como diz Santos:

Por conta disso (poluição), a saúde da população, também é afetada, pois, não se pode falar em qualidade de vida, sem nos remetermos a ambientes limpos, arejados e com aspectos saudáveis. A poluição de nossas águas, rios, florestas, alimentos, nos faz pensar que alguma coisa precisa mudar, e essa transformação é urgente (Santos, 2022, p. 3).

Se pode afirmar que a vida do ser humano depende de todo o ambiente ao seu redor, dessa forma, a ecologia integral é certa ao afirmar que tudo está interligado, e tudo

que existe, coexiste, pois o homem necessita dos recursos ambientais e suas ações podem e fazem com que eles se modifiquem positivamente ou negativamente. O grande risco para o planeta e para a vida humana, está no próprio homem e em como ele vai lidar com o todo onde ele está inserido.

É necessário e de suma importância que o homem compreenda e assuma a sua responsabilidade de mudar a realidade que foi exposta no capítulo 2, para combater o risco que a humanidade corre de se dizimar ao entrar em colapso, pois é “(...) urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar” (Francisco, 2019, p.13). O homem ainda tem tempo para rever suas atitudes e buscar essas mudanças. Para o início dessa mudança é interessante que o ser humano volte a se abrir para a natureza e que se admire por ela, fazendo com que a natureza seja de fato parte do homem e de sua vida, não um mero mecanismo de consumo e realização egoísta para um capricho irresponsável. Pois ao voltar-se para ela, ele se interligará de forma consciente e terá nas suas atitudes concretas a natureza como parte dele e não apenas como algo a ser dominada e transformada, sem respeitar a sua importância para o bom funcionamento da nossa casa comum e a não percepção da sua importância para a continuidade da vida na Terra.

[...] Se nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente sem essa abertura para a admiração e o encanto, se deixarmos de falar a língua da fraternidade e da beleza na nossa relação com o mundo, então as nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de por um limite aos seus interesses imediatos. Pelo contrário, se nos sentirmos intimamente unidos a tudo que existe, então brotarão de modo espontâneo a sobriedade e a solicitude. A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio (Francisco, 2019, p. 12-13).

É importante ressaltar que a mudança deve ser feita pela tomada de consciência das pessoas, buscando assim mudar a cultura onde estão inseridas, pequenos grupos que começam a reciclar, buscam um consumo mais consciente, economizam água, entre tantos outros meios de ajudar a reverter os problemas ambientais, vão fazendo com que a sua realidade mude, mesmo que em pequena escala, mas com o passar do tempo essas mudanças tendem a ser passadas entre as famílias, amigos e conhecidos, alterando assim parte da cultura local, fazendo um movimento de mudança em partes da sociedade, todos os homens são chamados no pouco a começarem a mudança em si e nos seus, conforme afirma o Papa Francisco na *Laudate Deum*:

[...] O que realmente importa é algo menos quantitativo: recordar-se de que não há mudanças duradouras sem mudanças culturais, sem uma maturação do modo de viver e das convicções da sociedade; não há mudanças culturais sem mudança nas pessoas. Os esforços das famílias para poluir menos, reduzir os esbanjamentos, consumir de forma sensata estão criando uma nova cultura. O simples fato de mudar os hábitos pessoais, familiares e comunitários alimenta a preocupação com as responsabilidades não cumpridas pelos setores políticos e a indignação contra o desinteresse dos poderosos. Note-se então, que, mesmo se isto não produzir imediatamente um efeito muito relevante do ponto de vista quantitativo, contribui para realizar grandes processos de transformação que agem a partir do nível profundo da sociedade. (Francisco, 2023, p.29).

3.3 A RACIONALIDADE DIANTE DA ECOLOGIA INTEGRAL

O ser humano é convocado a assumir sua responsabilidade diante do planeta, uma vez que, sendo um ser racional capaz de fazer escolhas além do instinto, e este deve realizar uma reflexão crítica sobre sua relação com o meio integral. A encíclica questiona qual será legado às gerações futuras e como garantir a dignidade da vida humana, considerando os impactos das atividades humanas no meio ambiente. Atualmente, o mundo enfrenta grandes variações de temperatura, com a população sofrendo os efeitos de um modelo de produção baseado no consumismo, que gera grande desperdício de materiais, aumenta a exploração de recursos naturais, resultando em uma exploração desnecessária da natureza. Além disso, a emissão de gases de efeito estufa proveniente da queima de combustíveis fósseis contribui para o aquecimento global, o aumento do nível do mar e o impacto em populações que residem em áreas litorâneas. A pobreza também aumenta em regiões onde os direitos humanos são desrespeitados, em grande parte devido à busca por lucros à custa de condições de trabalho análogas à escravidão.

É necessário que cada ser humano tome consciência da sua contribuição para o bem ou mal do nosso planeta, sejam nas pequenas ou grandes atitudes, cada um tem responsabilidade por aquilo que faz e pelas consequências causadas para si, para os outros seres vivos e para o planeta em geral, como afirmado na *Laudato Si'*:

[...] à necessidade de cada um se arrepender do próprio modo de maltratar o planeta, porque "todos, na medida em que causamos pequenos danos ecológicos", somos chamados a reconhecer "a nossa contribuição - pequena ou grande - para a desfiguração e destruição do ambiente" [...] (Francisco, 2019, p.10).

Diante disso, se pode verificar o pensamento de dois filósofos, Leonardo Boff e Hans Jonas, que ajudam a entender a racionalidade da ecologia integral, para que se possa ter uma boa compreensão da responsabilidade diante dos problemas enfrentados pelo ser humano no meio em que se encontra, e que depende dele a mudança desse ciclo vicioso que tem ameaçado a vida na Terra:

O ser humano não é plenamente autônomo. Sua liberdade adoece quando se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas, do egoísmo, da violência brutal. Nesse sentido, ele está nu e exposto diante do seu próprio poder, que continua a crescer, sem ter os instrumentos para controlá-lo. Talvez disponha de mecanismos superficiais, mas podemos afirmar que carece de uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe ponham realmente um limite e o contenham dentro de um lúcido domínio de si (Francisco, 2019, p.65).

3.3.1 Leonardo Boff - O *ethos* da casa comum: o cuidado

Leonardo Boff nasceu em 1938 em Santa Catarina no Brasil, é filósofo e doutor em teologia. Ao longo de sua vida contribui para o debate sobre a necessidade da ecologia integral, no que tange a ética, ao cuidado para com o planeta, uma vez que entende que o ser humano faz parte da Terra, não podendo se separar dela, pois ele afirma que: "a Terra é a Casa Comum de todos os seres vivos, onde somos parte do mesmo tecido da vida. Reconhecer essa interdependência é condição para restaurar o equilíbrio e assegurar o futuro da humanidade" (Boff, 2010, p. 12). De forma, que o homem é concebido como parte de um todo, e que tem uma grande responsabilidade para como o meio em que se encontra. Também pode ser chamado de "*ethos*" o local onde se homem se encontra, ou seja, é a sua morada, o lugar aonde vive, mas o *ethos*

compreende toda a organização que o homem faz deste local, como interage e cuida, conforme descrito por Boff:

Ethos em seu sentido originário grego significa a toca do animal ou casa humana, vale dizer, aquela porção do mundo que reservamos para organizar, cuidar e fazer o nosso habitat. Temos que reconstruir a casa humana comum – a Terra – para que nela todos possam caber (Boff, 1999, p.27).

Interessante notar que o homem além de cuidar, é chamado a organizar esta casa para que tudo possa se encaixar em seu lugar, respeitando o ciclo de toda a natureza e dos outros seres vivos, para que tudo possa viver interligado de forma saudável e sustentável. Neste sentido, o ser humano é tido como um ser ético, sendo a ética parte intrínseca do homem. O homem ético tem por necessidade conservar a vida como citado por Boff em seu livro *Princípio de Compaixão e Cuidado* ao utilizar a seguinte definição de ética estabelecida por Albert Schweitzer:

A ética consiste, pois, em que eu sinta a necessidade de ter o mesmo respeito para com toda vontade de viver que com a minha própria. Com isso nos é dado o necessário princípio básico para que possamos imaginar a ética. Bom é o que preserva e favorece a vida; mau é o que destrói e impede a vida (Boff, 2021, p.66).

Ao compreender o homem como um ser ético e como parte casa comum, Boff chama atenção que a Terra tem sido tratada em vários momentos como algo qualquer, não levando em consideração essa reponsabilidade do homem de cuidar de todo o tipo vida existente. Diante dessa falta de cuidado o termo utilizado por Boff e que se aplica para esta reflexão, é o *ethos* do cuidado. Esse cuidado deve ser visto como uma atitude que brota da responsabilidade do homem diante da sua realidade, não apenas para si, mas também por cuidado para com o outro, conforme Boff, argumenta:

O que se opõe ao descuido e ao descaso é o cuidado. Cuidar é mais do que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e desvelo. Representa uma atitude de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro (Boff, 1999, p.33).

O cuidado não pode ser visto como algo adquirido, mas como parte essencial do ser humano, pois faz parte da sua natureza. Através do cuidado o homem concebe uma vida mais virtuosa e ética, onde consegue viver em equilíbrio. Fazendo a sua parte o homem colabora para o bom funcionamento da Terra, a virtude está interligada ao cuidado. O cuidado é algo essencialmente humano, conforme demonstrado:

(...) o cuidado se encontra na raiz primeira do ser humano, antes que ele faça qualquer coisa. (...). Significa reconhecer o cuidado como um modo-de-ser essencial, sempre presente e irreduzível a outra realidade anterior. É uma dimensão fontal, originária, ontológica, impossível de ser totalmente desvirtuada (Boff, 1999, p.34).

É necessário compreender que o cuidado, mesmo sendo parte essência do ser humano, se perde, as vezes na sociedade atual, diante da ganância e do egoísmo do homem, da busca pelo lucro e desenvolvimento financeiro, sem levar em conta os danos causados, por escolhas isoladas e individualistas, por isso é necessário na atitude de cuidar, perceber que escolhas egoístas ameaçam toda a vida no planeta, incluindo a própria vida humana, sendo necessário, o retorno da consciência do homem, pois “Só com amor e responsabilidade podemos cuidar da Terra, pois ela é sagrada e fundamental para nossa sobrevivência. Sem esse cuidado, colocamos em risco não só outras espécies, mas a própria continuidade da vida humana” (Boff, 2010, p. 14). É evidente a tamanha necessidade e do homem voltar a ter consciência de que

é parte do planeta, ou seja, necessita do mundo ao seu redor e tem a responsabilidade de exercer o cuidado que é de sua natureza, pois se corre o risco, através de sua omissão ou indiferença, que a vida venha a ser cada dia mais complicada e danificada, podendo o mundo entrar em um colapso. “Cuidar da Terra é uma ética que nasce da reverência à vida e do reconhecimento de que nossa existência está intimamente ligada ao bem-estar do planeta. Não é uma opção, mas uma necessidade urgente” (Boff, 2010, p. 18).

3.3.2 A ética da responsabilidade – Hans Jonas

Hans Jonas nasceu em 1903 em Mönchengladback, na Alemanha, faleceu em Nova York em 1993. Era de origem judia, passou por momentos de dificuldade durante o período nazista, precisou sair da Alemanha devido ao risco de perder a vida. É considerado um dos principais filósofos do século XX, em seus escritos trata sobre a ética em diversos campos – tecnologia, biologia, ecologia e medicina. A sua principal obra é o *Princípio Responsabilidade* (1979). Sua pergunta ética central é: o que deixaremos para as próximas gerações? Introduzindo assim a ética da responsabilidade.

Hans Jonas teve uma importante contribuição para o debate sobre a ecologia, pois contribuiu para a compreensão da incoerência do homem diante a vida, sobretudo, perante a responsabilidade do que é deixado para as próximas gerações. Não é ético e nem coerente não dar importância para o legado que é deixado para aqueles que darão continuidade a humanidade. E aqui também deve ser dito que ele busca sempre avaliar os riscos diante das escolhas que devem ser tomadas, se aquilo é benéfico ou não. Conforme afirma Mendes:

Hans Jonas introduziu o conceito de ética da responsabilidade. Para ele todos têm responsabilidade pela qualidade de vida das gerações futuras. Foi ele também que abordou o conceito de risco e a necessidade de avaliá-lo com responsabilidade (Mendes, 2010, p.29).

Para a compreensão mais clara do pensamento de Hans Jonas, é importante entender alguns de seus principais passos e conceitos base para se chegar na ética da responsabilidade. Primeiramente Jonas trabalha a heurística do medo, que vem mostrar a importância do medo para a sobrevivência e para os avanços do homem, o medo pode ser definido como:

[...] uma sensação, e está ligada a um estado em que o organismo se coloca em alerta, mediante ou não da exposição de uma possível ameaça. Do ponto de vista da sobrevivência, ou dos mecanismos de defesa, seja ele da consciência ou não, o medo é extremamente importante para a manutenção do equilíbrio e da sobrevivência humana [...]. (Monteiro; Cabral, 2024, p. 203).

Ou seja diante do medo o homem fica alerta e consegue refletir sobre a sua ação. Esse medo não é negativo, mas faz parte de sua natureza e o ajuda a se desenvolver e sobreviver diante do mundo como um todo (seres humanos, animais e tudo aquilo que existe).

No campo ético e humanitário o medo também ajuda entender e se colocar no lugar do outro, considerando o valor da vida e dos demais homens, por exemplo, um homem tem medo de ser preso, de ser executado, de ser assaltado, por isso não faz estas coisas com os outros, por conta das consequências e por perceber que ao agir assim legitima que o outro faça o mesmo. O medo também pode ser visto em relação a natureza, num dia chuvoso as pessoas normalmente dirigem com mais calma e

atenção, além de diminuir a velocidade, mesmo que de forma inconsciente o medo faz com que o homem mude alguns comportamentos para se preservar ou avançar de acordo com a necessidade e objetivo desejado.

Como demonstrado é nítido que o medo influencia na ética, mas Hans Jonas percebe que a ética atual se perde em alguns aspectos, em uma sociedade do imediatismo e individualista, onde na maioria das vezes não se pensa no mundo como um todo e em todas as vidas espalhadas no planeta, mas apenas se pensa no aqui e agora, e no que trará mais benefício instantaneamente para o homem. Sendo esse benefício é caracterizado como progresso. Ao desconsiderar as demais vidas o homem se coloca em risco, não somente a si, mas todo o planeta.

“A problemática que envolve a conduta ética em vista da sobrevivência da humanidade e da vida no planeta continua muito atual. Neste sentido, segundo os estudos feitos pelo filósofo alemão Hans Jonas (2006), a ética tradicional estava fundamentada somente dentro dos limites humanos, acontecendo apenas entre pessoas, o que, de certo modo, não abarca a natureza de coisas extra-humanas.

Diante disso é necessário que o homem aumente o seu horizonte de ação, passando a enxergar todos os tipos de vidas existentes no planeta (vegetal, animal, humana, entre outras) ou seja, que fazem parte do mundo onde o homem está inserido. Pois no mundo onde tudo é interligado o ataque a qualquer tipo de vida, gera consequências para o bom funcionamento deste mundo. Por mais que sejam consideradas vidas “inferiores” por alguns, elas estão interligadas com o bem estar do homem e com a sua qualidade de vida. Pode até parecer um pequeno prejuízo no curto prazo, mas se percebe que no longo prazo essa irresponsabilidade com todos os tipos de vida, vai causando desastres e pode ocasionar a não existência de gerações futuras. O homem é o ser racional, ou seja, aquele que é encarregado de garantir o bom funcionamento de todo o tipo de vida no mundo, através das suas escolhas tem o poder de dar continuidade a vida do mundo ou interrompe-la. Nisto se expressa a ética da responsabilidade, o homem deve ter consciência do bom uso da natureza e garantir uma continuidade da vida, conforme afirma Jonas:

[...] o bem humano com a causa da vida em sua totalidade, ao invés de contrapor, de maneira hostil, aquele e está, e confere à vida extra humana seu direito próprio. Seu reconhecimento significa que toda arbitrária e desnecessária extinção de espécies se torna já em si mesma um crime, em completa independência de iguais ponderações do competente interesse próprio; e torna-se transcendente dever do homem proteger todos os menos reprodutíveis, os mais insubstituíveis de todos os “recursos” - o inacreditavelmente rico pool genético, deixado na sequência dos eônios da evolução. É o excesso de poder que impõe ao homem esse dever; precisamente contra esse poder - portanto, é imprescindível a proteção do homem contra o próprio homem. E assim ocorre que a técnica, essa fria obra pragmática da astúcia humana, introduz o homem num papel que apenas a religião por vezes lhe atribuiu: aquele de um administrador e guardião da criação. Ao ampliar o poder de seus efeitos até o ponto em que este se torna perceptivelmente perigoso para a economia global das coisas, ela estende a responsabilidade do homem ao futuro da vida na terra, vida que doravante está exposta indefesa ao mau uso dessa potência (Jonas, 1999, p. 413).

Hans Jonas chegou a um imperativo para que seja resumido a questão ética do homem, ou seja, ele age com responsabilidade, seguindo a esta premissa: “Aja de modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra” [...]. “Não ponhas em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra.” (Jonas,

2006, p. 47 e 48). Dessa forma o homem é convocado através da ética da responsabilidade a cuidar da vida na Terra, de tal forma que seja garantida a possibilidade de vida para as próximas gerações, para que o homem possa ter um verdadeiro futuro. Esta nova ética faz com que o homem saia de si e veja a responsabilidade de suas escolhas perante o todo que está interligado.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para uma ecologia integral: um olhar ético racional

A busca e a necessidade da ecologia integral e sua suma importância para a continuidade da relação do homem e da Terra de forma saudável e sustentável. Foi demonstrado que tudo que existe, coexiste e está interligado. Dessa forma a nova racionalidade proposta pela ecologia integral é que o homem ao tomar as suas decisões coloque a ecologia integral como fio condutor (ecocentrismo no lugar do antropocentrismo), que consiga sair de si mesmo e veja o todo, possa compreender que a sua atitude e/ou escolha influencia a vida como um todo. O homem para agir eticamente deve levar em conta o *Ethos* do Cuidado abordado pelo Leonardo Boff, pois como foi demonstrado, o Cuidado faz parte da natureza do homem, este cuidado se para consigo, para com os outros homens e para com o planeta, o homem só se realiza plenamente ao cuidar das coisas e consequentemente da casa comum onde está inserido, tomando consciência da sua responsabilidade. O imperativo (“Aja de modo a que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra” [...]). “Não ponhas em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra.” (Jonas, 2006, p. 47 e 48)) proposto por Hans Jonas ajuda neste caminhar do homem para a tomada de consciência de sua responsabilidade ética diante do mundo que lhe é apresentado.

Mesmo diante de uma sociedade com muita tecnologia o homem deve avaliar se esta tecnologia ajuda a continuidade da vida ou a destruição da mesma. O futuro da humanidade requer uma ação coletiva no cuidado da natureza,

Tanto o *ethos* do cuidado, como a ética da responsabilidade são meios pelo qual a filosofia conversa e busca diretamente aplicar a ecologia integral para que se tenha a continuidade da vida, a racionalidade do ser humano deve ser usada para a vida, não para uma ilusão de progresso que não garante um futuro saudável para as próximas gerações. O Papa Francisco deixa claro que existe a necessidade de uma mudança da forma como o ser humano vem tratado a natureza, pois não podemos tratar apenas os sintomas, mas o que está causando esses sintomas.

Por fim o homem é chamado a exercer o seu papel de ser racional, tomando a consciência da sua responsabilidade de buscar que a vida na casa comum seja mantida na sua integralidade. A pergunta que pode ajudar o homem a definir as suas ações éticas é: diante das escolhas que tenho feito ou farei, como será o planeta para as próximas gerações? As escolhas feitas tem gerado um caminho de vida para o planeta ou de destruição?

O homem integral é aquele que toma consciência da sua responsabilidade e faz as escolhas para que a ecologia integral seja uma realidade, para que se tenha um mundo melhor e saudável para as próximas gerações. Não se pode defender a vida

destruindo o meio em que se vive por um falso progresso que não garantirá vida para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

20092, Leonardo. **Cuidar da Terra, proteger a vida**: Como evitar o fim do mundo. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

_____. **Ecologia**: grito da terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

_____. **Ethos mundial**: um consenso mínimo entre os humanos. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

_____. **O destino do homem e do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. **O Princípio-Terra**: volta à pátria comum. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Princípio de Compaixão e Cuidado**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2021.

_____. **Saber cuidar**: ética do humano – compaixão pela terra. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. Uma cosmovisão ecológica: a narrativa atual. In: BOFF, Leonardo. **Ecologia**: grito da Terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995. p. 63-100.

CNBB. **Campanha da Fraternidade 2025**: Texto-base. Brasília: Edições CNBB, 2024.

COSTA, Beatriz Souza; DIZ, Jamile B. Mata; OLIVEIRA, Marcio Luis de. Cultura de consumismo e geração de resíduos. **Revista Brasileira de Estudos Políticos**, Belo Horizonte, n. 116, p. 159-183, jan./jun. 2018. DOI: 10.9732/P.0034-7191.2018V116P159. Disponível em: <https://pos.direito.ufmg.br/rbep/index.php/rbep/article/view/570>. Acesso em: 16 abr. 2025.

FRANCISCO, Papa. **Carta encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

_____. **Carta encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2019.

_____. **Exortação Apostólica Laudate Deum**: sobre a crise climática. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HANAZAKI, Natalia; PETRUCIO, Mauricio; ZANK, Sofia; MAYER, Fernando Pol. **Introdução à Ecologia**. 2. ed. Florianópolis: BIOLOGIA/EAD/UFSC, 2013.

IPCC – PAINEL INTERGOVERNAMENTAL SOBRE MUDANÇAS CLIMÁTICAS. **Resumo para formuladores de políticas: relatório especial sobre o aquecimento global de 1,5°C**. Genebra: IPCC, 2018. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/sr15/>. Acesso em: 19 abr. 2025.

JONAS, Hans. **Gaia, um novo olhar sobre a vida na Terra**. Lisboa: Ed. 70, 1987.

_____. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa; Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-Rio, 2006.

_____. Porque a técnica moderna é um objeto para a ética. *Natureza Humana: Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*, São Paulo: EDUC, v. 1, n. 2, p. 407-422, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2013.

MENDES, Fábio Raniere da Silva. Conhecendo a filosofia de Hans Jonas. **Revista Razão e Fé**, Pelotas, v. 2, n. 12, p. 27-37, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.ucpel.edu.br/plugins/generic/pdfJsViewer/pdf.js/web/viewer.html?file=https%3A%2F%2Frevistas.ucpel.edu.br%2Ffrf%2Farticle%2Fdownload%2F2602%2F1535%2F8408>. Acesso em: 29 maio 2025.

MONTEIRO, Felipe Sávio Cardoso Teles; CABRAL, Alexandre Marques de. O conceito de heurística do temor em Hans Jonas: diálogos em um contexto pós-pandemia e a psicologia ambiental. **Cadernos Zygmunt Bauman**, v. 12, n. 30, 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/19218>. Acesso em: 29 maio 2025.

SANTOS, Adelcio Machado. Meio ambiente, mudanças climáticas e seus impactos na saúde coletiva. **Revista Foco**, Curitiba, v. 15, n. 1, p. 01-20, 2022. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/329>. Acesso em: 29 maio 2025.